



Publica-se huma vez por semana, na Typographia LIBERAL em Oeiras. Subscreeve-se, e vende-se na Loja de T. G. Burlamaque, rua do Norte, a \$8000 por anno, e proporcionalmente por semestre. e tem-se: numeros avulcos a 2000.

Almonere volumus, non mordere, prodesse, non ledere.

Erasmus.

Queremos admoestar, não morder; ser uteis, e não offender.

Nomeações e reformas da Guarda Nacional em Oeiras.

Os ultimos estatutos trouxeram a aprovação das nomeações e reformas seguintes para a Guarda Nacional deste municipio, segundo nos consta:

Nomeações.

- Commandante Superior, o Sr. Joze Ferreira de Carvalho.
Chefe do Estado maior, o Sr. Thouz d'Aquino Ozorio.
Chefe do 1.º Batallão, o Sr. Baldolino Joze Coelho.
Idem do 2.º ,, o Sr. Francisco Mendes de Souza.
Idem do 3.º ,, o Sr. Benedicto Ferreira de Carvalho.
Idem do Corpo de Cavallaria, o Sr. Miguel Henriques de Paiva.
Idem do Corpo de reserva, o Sr. José Lourenço de Brito.

Reformas.

- Os Srs.
Coronel de Legião Justino Joze da Silva Moura.
Major Item João Evangelista Barbosa de Carvalho.
Major Antonio d'Hollanda Costa Freire.
Idem João Antonio Vaz Portella.
Idem João B. Barardo d'Azevedo Braga.

Primeira carta dirigida a S. M. I. e C. por um s.u reverente e fiel subdito.

SENHOR. Se é certo que sois o Pai commum do vosso Povo; se é certo que deveis protecção ao mais infeliz dos Brasileiros, porque assim nos diz o Pacto Fundamental, que nos deu existencia politica; se é certo, enfim, que vosso coração é todo cheio de bondade, lincei por um momento do excelso throno, a que a Nação Brasileira vos elevou,

uma vista de dó e compaixão sobre a maior parte de vos-o Povo, que geme na mais dura oppressão, Não julgais indigno de Vós, Senhor, este cartão, que um dos vossos subditos d'um recanto do vosso Imperio de Santa Cruz, tão humildemente Vós dirige: Não, Senhor, porque os Reis nunca se mostram mais dignos de o ser, nunca se mostram tão grandes, como quando do fatigio de sua grandeza acodem ao reclamo de um seu subdito, mas principalmente quando este é opprimido em seus proprios nomes.

O cidadão que hoje a Vós se dirige, não pertence à classe dos bemaventurados do dia; não tem já, não quer, e nem pretende emprego, ou contracta alguma do estado; mas anhela ardentemente pela grandza de Vosso nome, e elevação de sua Patria. Se ainda é possível, Senhor, fazei-o, porque Vós o podeis, e para Vós é tanto mais facil alcançar este grande fim, quanto as Vossas mãos confiou a Nação Brasileira seu alto destino.

Senhor. Um Povo a quem uma vez se fez provar o fructo da liberdade, não volta jámais a escravidão, senão sob um mentio de ruinas, que protesta contra o presente, e appella para o futuro. A historia dos povos livres nel-o testifica, e Vós, Senhor, melhor que ninguém o sabeis. A liberdade é a mesma essencia do homem, e se na sociedade é preciso restringir a liberdade de cada um em proveito da liberdade de todos, quando mal intencionados a restringem alem do ponto preciso, os Povos protestão contra essa restricção, e mais tarde ou mais cedo re cobram seus foros, porque a liberdade só acaba com o individuo, onde ella mora e reside.

Uma politica de compressão, Senhor, tem-se entendido em todo o Imperio, levando aos mais longinquos lugares seus males e fletos! A Urna unica guard'a a liberdade, a liberdade para Vosso Povo; elle não é livre no seu voto, porque as bayonetas compram, forc'o, estinguem o direito de nomear seus Mandatarios!! As prisões enchem-se d'aquelles, em quem ainda vegeta um h'ito de liberdade, o Povo geme, Senhor, e seus alguzes riem-se, porque conseguem seu fim!! Não ha meio, por mais indecente, que não seja posto em pratica, primeiro as promessas e rogativas, depois a ameaça, o recrutamento, a prisão, e por ultimo o Vosso proprio nome, sagrado para todos os Brasileiros, é trahido para mesquinhas contendas de partidos!! Vosso Povo, Senhor, foge esparverido, mas profere em seu coração um voto de reprovação contra seus perseguitores.

Ah! Senhor, é assim que se descredita as melhores instituições! É assim que se perdem as crenças mais bem arraigadas! É assim que a esporação d'uma grande nação murcha, mifra, e acaba! É assim



buscar água para a prisão, ao chegarem a fonte lançaram por terra a corrente, que os ligava pelo processo, e trataram de fugir, oppondo-se com ficas de ponta aos soldados. Dous dellis, um de nome Eugenio, e um escravo de Mervão chamado Benedicto, foram pegados, e bem fridos, estando o Eugenio em risco de vida: ambos são criminosos de morte. Os outros quatro, de nomes Vicente, condemnado a 12 annos de prisão pela morte de um barqueiro; Victor escravo, condemnado a galés perpetuas por assassinato; Silvano, condemnado a 8 annos de prisão por uma morte que fez sendo menor; e Manuel de tal, absolvido e appellado ex-officio em Jatecz por sentimentos graves, conseguiram evadir-se.

O Silvano, que já está para completar a pena, voltu por noite desfarçado em lenhador, e vio se entregar a policia, declarando que não queria fugir, e que tinha corrido com os outros temendo que os soldados o matassem.

É sumamente notavel a relaxação em que esta a cadeia entregue a vigilancia do carcereiro Amaro, sendo que por isso saem os prúzis para o trabalho armados de facas, e com chave-ficha para abrirem o cadeiado da corrente!!!

O facto é indisciplpavel, e parece nos que o Sr. Chefe de policia actual não deixará impune! Esse carcereiro tem contra si o seu pessimo comportamento, de forma que por motivos, que a decencia fez calar, por vergonhosos e infames, já foi anteriormente denunciado, o que o patronato abafou. Vejamos agora se entregar prúzis munidos de armas offensivas, e de chave para aliviatem-se das prisões, e tudo isto por não serem competentes e cuidadosamente revistatos, não dá ainda em resultado, ao menos, a exoneração de um pessimo empregado.

## COMMUNICADO.

*A lijonja é o regalo dos tólvos.*

Com este nota, bem cabida, publicou-se no Echo n. 110, elogrando celebriamente ao Sr. Saraiva, a producção de um triste vate, que—

*Nas azas do amor e da saudade,  
Chora sobre a rama decolada.*

Pelo mesmo tempo (Outubro de 1851) enviou elle a redacção da —voz—outra producção sua do mesmo sentido, a que aolta mill r cabe a nota acima: só agora, a instancias suas, (na —voz—n. 121, de 30 d'Abri) veio a luz essa sublime peça, e pensa é que se tenha occultado a correspondencia que a acompanhou, onde deverião encontrar-se pedzinhos de ouro iguaes aos de uma notavel Epistola amatoria do mesmo author, que ahi principia:

..—Quando os agudos silvos da gelada brisa cruzarem as curvadas ruas desta cidade, eu guiarei meus passos a tua tranquilla habitação, e lá, no côlo da amada, gosarei noce e felises momentos..

E já que não foi dado ao publico gosar das delicias da correspondencia, que a—voz—engolto, é justo que desfructe repetidamente as do soneto.

Falta-me tempo e pachorra para uma analyse critica do tal soneto; mas, offerecendo de novo, e parodiando o, far-lhe-hei algumas considerações, com a devida venia do illustre cantor de S. Ex.

Não me foi posivel atinar com a significação da *p'lume*, que o Piahy deve erguer, e perceberme que brasa allusão o vate achava-se arrometido dos—agudos silvos da gelada brisa.

O soneto em geral contem, sobre uma nova transposição de consoantes, erros graves de metrificacão, e de concordancia gramatica; e alem disso é uma mistura de grélos, que se não póte comprehender: peço pois ao cantor do Sr. Saraiva que não esteja a quebrar as cabeças dos leitores da—voz,—e do—Echo—com producções de tão máo gosto.

No primeiro quarteto encontra-se o Sr. Saraiva collocado alem do Omnipotente, Deus, com as palavras—fiat lux—criou o mundo; mas não fez do—nada—, apparecerem florecentes cidades. Na mente do cantor, S. Ex., coroado de louro, faz surgir

.....do nada á receber baptismo.

A pomposa cidade florecente!!!

Na conceição d'essa idéa extravagante estava por certo o sublime Vate chorando sobre a rama decolada.

No segundo quarteto, a'em da má metrificacão do 3.º verso, e da falta d' cesura, e de syllaba no 4.º, não é possivel combinar o sentido dos dous primeiros versos com o dos dous ultimos. Daria eu um doce a quem decifrasse essa charada de nova especie.

No 1.º e 3.º versos do 1.º terceto;

e no 2.º do 2.º encontro-se ainda faltas de syllabas, e de cesura.

Sobre tudo quisera que o illustre cantor do Sr. Saraiva, deixando de *chorar sobre a rama decotada*; livre das crusações dos egulos silvos da gelada brisa; sem ter a mente occupada com a lembrança dos felizes momentos no côto da amada, emfim, reconcentrado em sua tranquila habilitã, me explicasse qual é o agente do verbo—sumir—no 2.º verso do 1.º terceto: parecer-me que devia ser o substantivo—obstaculo—; porem entro em duvida, por estar este no plural, e aquelle no singular, cuja concordancia só poderá ser admissivel se a tanto se estende a lencença poetica, o que, por nunca me ter visto nos agulos silvos da gelada brisa do Prado, ignorar-se é permitido.

Não mais me estenderei; pouco longe me levaria o entricado patto poetico do cantor do Sr. Saraiva.

Est-o aqui por tanto, e a sua parodia para ser bem apreciada.

#### *A mudança da capital.*

Engre, oh! Piahy mais alto a tua pluma,  
Que tens melhor Solon, excelso Numa.

#### *Soneto.*

Por sacro effeito da um poder ingente,  
De lauros se corôa o heroismo.  
Surgê do nada á receber baptismo  
A pomposa cidade il-recente.

Segue da razão o patriotismo,  
Os braços que o desesperão de repente,  
Que quer-se agora — ao Piahy somente,  
Gloria accumular-se e brilhantismo.

Junta-se ao poder o impenho e tino,  
E obstaculos não ha que se não suma,  
D'ante o mesmo genio e o destino!

Frue oh! Piahy, mais alto a tua pluma,  
Assume os braços de que és digno,  
Que tens melhor Solon, excelso Numa.

A. \* \* \*

#### *Parodia.*

Por méra adulação hasbaque ingente,  
Em tom de Vae, chama de heroismo  
A leucura tenaz de imôr baptismo  
A um, insecto, e, torçal, o ill-repente;

E o que pasma é supor que d'um repente,  
Por força d'ideal patriotismo,  
Surja rico de gloria e brilhantismo  
Pela vez de seu amo tão sobriente!

Depoi quer que a Solon, a Numa, em tino,  
Passe alem esse herôe ( miseria suam!!! )  
E envolve em cousas tais genio, e destino!

Desdenha, oh! Piahy, a servil pluma,  
Que quer de tal ficção fazerte te digno,  
Que Erostrato é seu amo em vez de Numa.  
M. H. P.

## ANNUNCIOS.

O abaixo assignado vendeu para o Sr. Major Manuel Joze Nogueira, d's Doze riacchos, um bilhete intito n.º 286 e um outro bilhete n.º 554 da primeira loteria a favor das Matrizs d'ista Provincia: Teo do o Sr. Nogueira perdido os ditas bilhetes, roga-se a qualquer pessoa que os achou, que os entregue ao mesmo abaixo assignado na qualidade de seu procurador nesta Cidade, ou ao mencionado Sr. Nogueira no municipio de Valença, pois de nada podem servir estes bilhetes a outra qualquer pessoa, por se ter tomado as necessarias cautelas. — Antonio Moreira do Carmo.

— No dia 29 de Setembro do anno proximo p'ssado fugio me desta fazenda Graciosa o escravo Baillio com um ferro no pé, e outro no pescosso, cujos sinais do dito escravo são os seguintes. He mulato, de idade de trinta e dois annos, alto, bem parecido, cabellos pretos, barbado, e cabelludo nos peitos, s'brancelhas feixadas, pestanas arriçadas, bem feito de nariz, e boca, tem falta de um dente na frente no queixo superior, tem as pernas um tanto finas em correspondencia ao corpo, e um pouco arriçadas, pés grandes, e seccos, tem alguns sinais de relho pelo corpo, e muito castigado nas radigas. Não tem conta as fugidas que tem feito, e é provavel que a esta hora já tenha com muito custo tirado os ferros. He desembaraçado para todo serviço, e curioso em trabalhar de carpina sem nunca ter aprendido. Este escravo foi de meus gro o Capitão Ignacio de Loyola Mendes Vieira, o qual deu em dote a sua filha com quem sou casado.  
Graciosa 2 de Abril de 1852.

Arnaldo Joze de Queiroz.